

VALORIZAR SOCIALMENTE O DESPORTO:
UM DESÍGNIO NACIONAL

7

O LEGADO AXIOLÓGICO DOS JOGOS OLÍMPICOS



ÍNDICE

CONTEXTUALIZAÇÃO	3
LEGADOS E IMPACTOS	7
A ORIGEM DOS JOGOS	12
UMA PEDAGOGIA MÍTICA	21
PROMETEU, APOLO E O FOGO SAGRADO	25
O ESTÁDIO, O PORTAL, A ESCADA E A PIRA OLÍMPICA: UM RITUAL DE MAGIA E ENCANTAMENTO	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
BIBLIOGRAFIA	42

CONTEXTUALIZAÇÃO

Nos tempos que antecedem a realização de mais um acontecimento do Movimento Olímpico, os Jogos do Rio 2016, não é difícil ler, ver e ouvir no discurso das autoridades políticas, desportivas e responsáveis pela organização dos Jogos a palavra “legado”. Legado económico, social, ambiental, de infraestrutura, turístico entre outros são expressões repetidas exaustivamente.

Também “impacto” é outra palavra que se torna popular, uma vez que a mesma é repisada tanto pelas autoridades como pela comunicação social: é o impacto dos Jogos na economia local, no meio ambiente, na sociedade, na cultura.

Institutos de pesquisa, instituições especializadas em medir o impacto económico de tudo e em tudo, empresas de consultoria, meios de comunicação, universidades, investigadores, estudiosos e curiosos estão todos, de uma forma ou de outra, a levantar dados, números e estatísticas a respeito das diversas dimensões quer antes, durante e como depois dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

Os grandes eventos desportivos estimulam os vários níveis de governação – do município ao governo central – e a *media* em geral a preocuparem-se em antever e antecipar os resultados financeiros, desportivo – leia-se número de medalhas conquistadas – e de assistência nos locais de competição.

O turismo é enfatizado pela lógica da imagem da cidade e o seu consequente resultado económico. A ecologia é muitas vezes concebida mais pela sua faceta do *politicamente correto* e pela pressão exercida pelo COI, onde se espera que a prática desportiva seja realizada num ambiente sadio, devendo as cidades-sedes serem exemplos de qualidade ambiental. O sistema viário recebe avultados investimentos como forma de melhorar a circulação das pessoas dessas cidades.

À medida que as tecnologias avançam, os governos dos países que irão sediar os Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno conseguem aceder a dados e estatísticas cada vez mais fidedignos e confiáveis.

Foi, por exemplo, pensando nisso, que a organização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, formalizou um contrato com

a COPPE¹ para elaboração de quatro relatórios sobre o estudo de impacto (legados incluídos) desse quadrienal encontro desportivo. Esse estudo visa fornecer um balanço sobre os indicadores que levem em consideração os efeitos e os impactos ambientais, socioculturais e económicos dos Jogos Olímpicos em áreas como a educação, saúde, segurança, desporto, lazer e infraestruturas. Embora seja para tratar dos temas enunciados, aquilo que na verdade está no centro das preocupações e do interesse dos dirigentes políticos, o que não deixa de ser legítimo, é o interesse económico.

Para medir o sucesso de um megaevento olímpico, a seara política move-se principalmente pelo seu impacto nas dimensões políticas e económicas que dele resultam. Entretanto, pode perguntar-se, face à relevância humana e cultural de uma competição de magnitude planetária, se as diversas autoridades se preocupam em conhecer o impacto axiológico, tendo como referência os valores matriciais do olimpismo, na formação de novos desportistas, na reflexão sobre a condição humana, na oportunidade do encontro de pessoas e de culturas, na rara oportunidade de celebrar a convivência e a unidade humana, da possibilidade de tornar o mundo melhor e mais digno.

A SAGE/COPPE² ao apresentar, recentemente, o primeiro dos quatro relatórios sobre os impactos e legados dos Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro, chama inicialmente a atenção que os cidadãos criticam as despesas muito elevadas com os megaeventos, cujas verbas poderiam ser canalizadas para investimentos prioritários em saúde e educação³.

Qual paradoxo, no *site* do COI encontramos referências à importância que os Jogos possuem para o desenvolvimento da saúde e da educação. Pode inferir-se que os organizadores não dominam os princípios e as bases da cultura olímpica ou, eventualmente, não conseguem passar as devidas mensagens à população de quais são,

1 Coordenação de Programas de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

2 SAGE: Laboratório de Sistemas Avançados de Gestão da Produção. COPPE.

3 <http://www.sage.coppe.ufrj.br/index.php/noticias/325-relatorio-inicial-do-estudo-dos-impactos-e-legados-dos-jogos-rio-2016tm>, acesso em 14 de abril de 2015.

de facto, os mais importantes legados dos Jogos Olímpicos e seus possíveis impactos na esfera social, educativa e na saúde.

No entanto, é visível no *site* do COI, em particular no *link* sobre o Olimpismo, a seguinte sentença: *construindo um mundo melhor através do desporto*⁴. Naturalmente que para se construir um mundo melhor é necessário que haja o desenvolvimento económico, social e ambiental (não necessariamente por esta ordem) e, ao que parece, pelos estudos e pelos discursos das autoridades, tanto no Brasil como na maioria dos outros países que sediaram os Jogos Olímpicos, a ênfase é colocada sobre o impacto económico e suas ramificações utilitárias.

Acresce que também são necessários investimentos em tempo, recursos humanos e financeiros para o desenvolvimento permanente da cultura desportiva. Cremos que seria um dos modos de maximizar e tornar significativos os valores olímpicos e humanos que eventos desta grandeza celebram e eternizam, não se ficando apenas por valores efémeros e conjunturais.

Os Jogos Olímpicos possuem um entusiasmado apelo mediático e económico, nomeadamente a imagem dos grandes atletas, as conhecidas marcas e um colossal espetáculo televisivo e, por isso, as cifras de investimento, tanto público como privado, são desmedidas.

Para tudo aquilo que todos contemplam, existe aquilo que poucos percebem, ou seja, os Jogos Olímpicos têm perenes mensagens míticas encontradas em narrativas fabulosas, histórias passadas, contadas, escritas, filmadas e construídas através dos tempos desde os atuais até aos imemoriais.

A história olímpica é, na verdade, uma biografia humana onde os protagonistas, pelos seus gloriosos feitos, cantam um hino à busca da excelência, à superação e à transcendência.

Como nos dizia Campbell (2007), eles são os heróis, os faróis que nos iluminam as nossas vidas. Nós, simples pessoas, não precisamos fazer o que eles fizeram, bastando-nos saber que podemos, enquanto

⁴ <http://www.olympic.org/olympism-in-action>, acesso em 14 de abril de 2015.

humanidade, fazê-lo. São os nossos exemplos de um modo de vida (de ser, estar e fazer) que aceita o desafio para que nos tornemos pessoal e comunitariamente ainda melhores! Esses heróis ao elevarem-se individualmente, elevam toda a humanidade!

Enquanto os patrocinadores dos Jogos Olímpicos e a imprensa se ocupam do espetáculo desportivo *per se*, há pessoas e instituições que se preocupam com a essência do desporto, a sua história, os seus valores, seus heróis e os seus mitos.

A nossa intenção no presente ensaio foi refletir, argumentar, descrever e transportar-nos para uma outra visão paradigmática que é constituída e orientada pelos valores do cenário olímpico, dos seus mitos e cerimónias. Para tal, tivemos como veículo conceptual o método interpretativo⁵.

O diálogo teórico foi realizado em grande medida através das contribuições de conceituados autores como Joseph Campbell, Mircea Eliade e Junito Brandão, cujos estudos, pesquisas e reflexões são referências no entendimento do universo mítico-ritual.

Sobre o diálogo histórico procurámos, sempre que possível, as fontes mais antigas e autores como Hesíodo, Píndaro e Pausânias, *quase* contemporâneos da *realidade mítica*. Pela tarefa interpretativa, aproximámos dialogicamente os autores antigos dos atuais, no sentido de construir um texto que possa, de alguma maneira, estimular e inspirar as pessoas em reconhecer e reconquistar a importância histórica e sagrada dos Jogos Olímpicos. Desta maneira, possibilita-se o desenvolvimento do conhecimento para além do espetáculo político, económico e mediático, da verdadeira natureza axiológica do desporto, contida na expressão simbólica dos mitos.

⁵ Sobre esse tema, seguimos de perto o livro *Antropologia Hermenêutica*- 2ª edição, de Andrés Ortiz-Osés (1989).

LEGADOS E IMPACTOS

O legado pode ser definido como algo que se recebeu, ou melhor, que se deixou a outrem ou à posteridade, ou seja, o que se deixa para a cidade, para a cultura, para as pessoas nas suas almas e o que se deixa seio da sociedade!

O impacto é alguma ação com repercussões na economia, de forma direta, indireta ou induzida, produzidas nos níveis da atividade económica de uma região, e do país, propiciadas pelo conjunto de todas as atividades associadas às fases de implantação e operação, em termos dos aumentos de produção, de valor adicionado ao PIB, de emprego e de arrecadação, que não seriam observados, se o projeto não ocorresse¹.

Portanto, conforme descreveram Cardoso, Malaia e Fleury (2013), o conceito de legado está ligado aos impactos positivos associados aos jogos desportivos. Esses impactos podem ser económicos, socioculturais, ambientais, físicos, políticos e psicológicos, assim como relacionados com o turismo. Como exemplo podemos citar que no Campeonato do Mundo de Futebol da África do Sul, onde o comité organizador, além de comprometer-se com os requisitos sugeridos pela FIFA, deteve-se ainda com legados relacionados com a economia, saúde e segurança, aspetos sociais e de infraestruturas.

O legado de um megaevento afeta a cidade hospedeira em diversos domínios (PREUSS; GUTENBERG 2008), podendo ser dividido em “tangível” e “intangível”. As estruturas tangíveis podem ser medidas mais facilmente e são subdivididas em estruturas primárias, secundárias e terciárias.

As estruturas primárias estão ligadas às práticas desportivas durante o evento (infraestrutura desportiva e locais de treino). As secundárias são as que participam no apoio à realização do evento (por exemplo, a aldeia olímpica). Já as estruturas terciárias são aquelas que se desenvolvem em redor do acontecimento (por exemplo, atrações

1 FIPE. Estudo de impactos socioeconómicos potenciais da realização dos Jogos Olímpicos na cidade de Rio de Janeiro em 2016. <http://www.fea.usp.br/feaecon/econoteen/> acesso em 22 de abril de 2015.

culturais) e as infraestruturas urbanas necessárias para sua realização (transporte público, segurança).

Associados a esses episódios existe uma obsessão por conhecer, prever, medir e contabilizar os impactos e os legados que derivam do planejamento, da organização e dos resultados que um megaevento dessa magnitude pode oferecer. Essas configurações, embora conhecidas, são de difícil conceptualização, por causa de um emaranhado conjuntural a elas vinculadas. Mazo, Rolim e DaCosta (2008) indicam que aparentemente uma definição dessas expressões ainda não foi esgotada. Os mesmos autores, ao invocarem o Comitê Olímpico Internacional, admitem que os legados olímpicos são de caráter multidisciplinar e dinâmico – mudando no tempo – sendo afetados por inúmeros fatores locais e globais. Além disso, julgamos nós, há ainda influências históricas, simbólicas e mitológicas que, sem dúvida, ao longo dos séculos têm interferido no processo de desenvolvimento e nas causalidades ligadas ao desporto em geral e aos Jogos Olímpicos em particular.

Como esclarecimento, apontaremos algumas sugestões para o conceito de legado e de impacto dos empreendimentos olímpicos. Preuss e Gutenberg (2008, p. 80) definem legado como “uma atividade econômica de longo prazo, viabilizada através de mudanças das circunstâncias locais”. Os mesmos autores distinguem impacto de legado, quando relatam que o primeiro acontece apenas durante o período dos Grandes Jogos, o segundo pode vir a surgir a partir do impacto anterior. Mazo, Rolim e DaCosta (2008), considerando o que foi dito por Barney (COI, 2003), dizem que legado é algo recebido do passado e que (ainda) possui valor no presente e certamente continuará a ser valorizado no futuro. Gratton e Preuss (2008) definem legado como estruturas, planejadas e não planejadas, positivas e negativas, intangíveis e tangíveis, criadas mediante um acontecimento desportivo que permanecem após o evento.

A crescente importância e significado do impacto e legados não-desportivos, que derivam diretamente das questões econômicas e mercantilistas, são considerados como um dos setores, embora recente, mais significativo e de maior avanço na seara desportiva.

Os defensores desta tese advogam que o impacto económico é tangível e, portanto, pode ser medido, demonstrando que a sua vitalidade retroalimenta os investimentos junto do produto desportivo! Contrariamente, os legados e os impactos intangíveis são praticamente inviáveis de serem medidos e, por tal, considerados meramente como “produtos” secundários.

Cabe ressaltar que os impactos e legados tangíveis não são, também, fáceis de serem mensurados, conforme nos adverte Ribeiro (2008, p. 115) sobre as conclusões dos estudos do impacto económico. Esses estudos “frequentemente extrapolam o verdadeiro impacto do evento; [...] frequentemente falham em contextualizar o impacto com referência à localização e à posição da economia da cidade num ciclo de desempenho mais amplo”. Muitos estudos carecem de profundidade e, com isso, não deixam claras as suposições implícitas dos efeitos das ações em curso no cenário local. O caso de Londres é emblemático, uma vez que diversos projetos sociais e urbanos importantes estavam em pleno desenvolvimento, independente da vitória ou não da candidatura aos Jogos de 2012 (POYTER, 2008).

Parece ser consenso que os impactos económicos surgem e desaparecem, pelo que embora colaborem com muitas atividades produtivas, económicas e sociais, podemos dizer que os mesmos possuem um significado efémero, provisório, temporário e circunstancial, restando pouco espaço para se comprovar a sua eterna permanência. Entretanto, em nome da justiça, devemos saudar a iniciativa das cidades-sedes, sendo os Jogos Olímpicos os catalisadores, em investir e incorporar gradativamente à sua agenda inúmeros itens de desenvolvimento urbano e ambiental, tendo a finalidade de aliviar algumas das suas carências socioculturais, promover o seu desenvolvimento económico e desenvolver formas diversificadas de investimento financeiro.

Quanto aos legados intangíveis, muitas vezes inatingíveis, geralmente são vistos, por causa do seu carácter imaterial, como impossíveis de serem medidos e, o que é pior, não são notícia. Para muitos não passam de abstrações, portanto, fora do círculo do racionalismo. Quando se trata de discutir e expor algo do domínio do intangível,

geralmente a rotina é associá-lo a uma dimensão económica: a marca e o *marketing* da cidade, custos e benefícios, acolhimento aos turistas entre outros. Por outra via, muitas vezes são sugeridos estudos de natureza qualitativa a fim de tornar *mais visível* os dados relacionados aos legados intangíveis, como orgulho nacional, imagem, marca, atitudes contra o racismo, simpatia, acolhimento e satisfação da população com os Jogos (POYTER, 2008).

É nítido que nos últimos anos tem havido um rápido e generalizado aumento da influência comercial, utilitária e mercantil do desporto. Preuss, chamado por Poyter (2008), salienta que para fazer frente a essa onda de consumo e de exploração económica, o COI desenvolveu um plano para proteger os Jogos Olímpicos contra o excesso de comercialização criando um núcleo em defesa dos valores olímpicos, tais como *fair play*, intercâmbio cultural, bem como os ideais de excelência, tradição, igualdade, honra e outros.

Na tentativa de cooperar com o COI, centramos as nossas atenções e reflexões na direção de um sistema de valores que faz parte da eterna substância axiológica dos Jogos de Zeus. Desta maneira, como poderemos medir a paixão e o amor pela tarefa desportiva? Como poderemos projetar um gesto criativo e de excelência? Qual o algoritmo da solidariedade ou da dignidade? Será que podemos aquilatar esses valores por medidas como o peso, metro, fórmula ou unidade? Nada do que se pode pagar ou comprar possui um alto padrão axiológico, portanto, é lógico que aquilo que faz a diferença e de facto tem valor para as pessoas, sociedades e humanidade não é passível de ser mensurado! Mas, lamentavelmente, vivemos num período do império dos números, do profano (ELIADE, 2004) e dos tempos líquidos (BAUMAN, 2004) em detrimento do profundo, essencial e sagrado (ELIADE, 2004), ou seja, daquilo que se situa na ordem dos valores de sentido.

Legado é algo deixado para todos e não para um grupo de indivíduos ou para uma pessoa em particular. Gandhi deixou à humanidade o seu exemplo de vida. Martin Luther King deixou a todos discursos inspiradores e, para citar apenas alguns, Madre Teresa de Calcutá legou-nos uma gigantesca obra misericordiosa.

Embora difíceis de serem mensurados e intangíveis, os legados expostos possuem uma grande penetração (impacto!) na alma humana, sendo as nossas principais reservas de esperança na vida e na capacidade da humanidade em se reciclar e tornar-se melhor e mais digna.

Naturalmente que o mundo humano está em constante transformação, às vezes para melhor e às vezes nem por isso, mas o facto é caminharmos numa direção que dizemos ser para frente!

Os deuses do atual Panteão Olímpico são outros e, sem dúvida, mais vinculados à esfera profana. Essas são as circunstâncias do momento, a espuma dos dias. Todavia, a esfera do sagrado reclama e apela ao interior de cada pessoa e de cada instituição no sentido do reencontro com as raízes dos valores que fazem parte da atmosfera ritual e mítica dos Jogos Olímpicos. Para além das questões económicas, utilitárias e circunstanciais existem outros legados que devemos lembrar, conhecer e preservar, nomeadamente os legados axiológicos, pois eles são a fonte onde a natureza humana busca a sua mais profunda inspiração.

Afinal, os certames desportivos são portadores e continuadores de uma herança cuja natureza é histórica, simbólica e mitológica, que faz parte do imaginário individual e coletivo. Esses elementos estão intimamente vinculados à construção de crenças e valores, os quais são responsáveis pela configuração do ser humano, sua sociedade e, por conseguinte, são definitivos na conformação dos Jogos Olímpicos!

A ORIGEM DOS JOGOS

Se aceitarmos o pensamento de Burkert (1991) advogando que desde a sua origem o homem se tornou rebelde e oposto aos deuses e, mesmo assim, traz algo de divino em si, compreendemos que é da condição humana lidar com a diversidade do pensamento e do fazer. Se foi construído um novo Panteão para abrigar os deuses modernos (mercado, capital, finanças, materialismo, utilitarismo, tecnologia e outros), houve épocas em que os valores que consubstanciavam aquele lugar estavam vinculados à substância simbólica, mítica e ritual, portanto, de natureza sagrada.

Na sua origem e percurso pelos tempos idos, os Jogos Olímpicos constituíram-se num movimento de grandeza cósmica, onde se repetia e se imitava a obra dos deuses, heróis e de seres míticos. A grandiosidade dramática para celebrar os certames desportivos foi capaz de aguçar a imaginação na vivência e na criação de símbolos, rituais e histórias com mensagens exemplares.

Na sua gênese, os jogos desportivos tinham como modelo os gestos dos deuses e dos seres míticos primordiais. Os festivais eram realizados em ciclos reatualizados pelas cerimónias e rituais instituídos *ab origine* pelas personagens do mito. Os Jogos relatam uma história sagrada, isto é, um acontecimento primordial que teve lugar no início dos tempos (ELIADE, 2004). O mito é a narrativa da Criação do Mundo¹.

Na cultura ocidental o acontecimento primordial que deu origem às personagens (deuses e heróis), espaços e tempos mítico-rituais repousa na vitória de Zeus sobre seu pai Cronos. Continuou através de embates entre os deuses – comandados por Zeus – e os Titãs – forças caóticas – na luta original que redundou na vitória dos primeiros e na construção do Cosmos (*Teogonia*². HESÍODO, 2005), isto é, da ordem, um acontecimento recheado de simbolismo, ocorrido num tempo imemorial e lembrado por uma narrativa que fixa um modelo paradigmático para o comportamento humano.

1 Situamos a nossa reflexão nos mitos cosmogónicos, na plena consciência da existência de outros.

2 Segundo a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira (2005), trata-se do mais antigo texto grego de genealogias. In *Teogonia*, Prefácio.

A *fundação* tem lugar num espaço consagrado no Centro do Mundo, pois o ato da Criação é feito a partir de um centro (*axis mundi*), sendo realizado por um deus ou herói e num Tempo sagrado porque é o *tempo* da eternidade (ELIADE, 1978). Curiosamente, o ato fundador dos Jogos Olímpicos foi realizado pelos deuses, num local sagrado (o monte Ida³) e num Tempo anterior à cosmogonia de Hesíodo. O universo desportivo gerou simbolicamente condições para a Criação do Cosmos!

No relato mais fidedigno que temos (Descrição da Grécia. *Livro V*, 7, 6), Pausânias conta que esses Jogos tiveram início num tempo mítico. Reza a tradição que quando nasceu Zeus, Rea o entregou aos cuidados dos Dáctilos de Ida: Hércules, Peoneo, Epímedes, Yasion e Idas. Hércules propôs uma competição de corrida e coroou o vencedor com um ramo de oliveira (Pausânias. *Livro V*, 7, 7). Portanto, os Jogos Olímpicos foram organizados para divertir a Zeus ainda menino⁴, ou seja, um acontecimento anterior à luta contra o seu pai e contra os Titãs.

A narrativa exposta é sobre o início da história dos certames agónicos e sobre a razão pela qual os mesmos seriam, mais tarde, patrocinados pelas divindades. Neste cenário, Zeus alegrava-se assistindo às competições entre Hércules e seus irmãos. Quando se tornou o deus cimeiro do panteão grego passou a presidir, por direito próprio, ao maior dos acontecimentos desportivos de todos os tempos. Assim, qual relevação, a criação do universo desportivo pode ter nascido antes da cosmogonia da cultura grega!

A confirmação da fundação dos jogos desportivos a partir de um modelo divino vem de Pausânias (*Livro V*, VII, 10) quando narra que os Jogos Olímpicos foram palco de *performances* dos deuses imortais, tendo Apolo obtido muitas vitórias – nos Jogos organizados por Zeus⁵ (celebrando a vitória sobre o seu pai Cronos), conquistou a coroa na

3 O monte mais alto da ilha de Creta. Mitologicamente foi o lugar onde nasceu Zeus. A terra dos Dáctilos: Hércules, Peoneo, Epímedes, Yasion e Idas.

4 Não confundir o Hércules Ideo, com o Hércules, filho de Alcmena e Zeus que mais tarde foi considerado como o criador dos Jogos Olímpicos.

5 Segundo Grimal (1994), Zeus é o deus da Luz (a Plena Luz: difícil para o homem suportar a sua manifestação), do céu claro, mas não se identifica com o céu, do mesmo modo que Apolo não se identifica com o sol e nem Poseidon com o mar. Zeus é o deus que reina nas alturas luminosas do Céu.

vitória sobre Hermes⁶, na corrida a pé e outra no pugilato vencendo Ares⁷. Afinal, os Jogos chamavam-se Olímpicos (*Jogos dos Olímpicos*) uma vez que os Olímpicos eram os deuses do Olimpo⁸ aos quais os Jogos foram dedicados e, ao mesmo tempo, foram os seus primeiros atletas.

Em conformidade, se toda ação humana adquire significado e valor na medida em que repete exatamente um ato realizado no princípio dos tempos por um deus, um herói ou um antepassado (ELIADE, 1978), então os Jogos Olímpicos encerram em si a potência das *origens*.

Foi assim que surgiu o simbolismo de se acercar às alturas divinas por intermédio dos feitos realizados dentro do estádio olímpico, repetindo os homens e as mulheres aquilo que em tempos imemoriais tinham sido os desafios enfrentados pelos deuses. Não há como negar a tradição espiritual dos Jogos Olímpicos, nem se pode declinar um legado de tamanho quilate.

As exposições míticas sobre a fundação dos Jogos Olímpicos não param por aqui. Numa outra explanação, temos que Hércules (filho de Zeus e Alcmena), quando estava imbuído de realizar os seus doze desafios, acabou por fundar os Jogos Olímpicos em homenagem a seu pai, Zeus, e em sua própria honra, após o cumprimento do seu quinto trabalho, a limpeza do estábulo de Algias, o rei de Élis.

O rei Algias prometeu ao herói que se ele conseguisse limpar o estábulo num dia – o soberano considerava impossível a realização desta tarefa num lapso de tempo tão breve – pagar-lhe-ia um décimo do seu imenso rebanho. “Tendo desviado para dentro dos estábulos o curso dos rios Alfeu e Peneu, a tarefa foi executada com precisão e espantosa rapidez” (JUNTO BRANDÃO, 2009, p. 107, v. III). Entretanto, como o soberano se recusou a cumprir a promessa, o filho de Alcmena conseguiu, após duas tentativas, matar Algias e tomar a cidade de Élis. Foi por essa

6 Filho de Zeus e Maia era considerado principalmente como o mensageiro dos deuses.

7 Filho de Zeus e Hera, dotado de coragem cega e desmedida é tido como o deus da guerra brutal.

8 Zeus, Hera, Demeter, Posídon, Afrodite, Atena, Ártemis, Apolo, Ares, Hermes, Hefesto e Dioniso: a segunda geração dos deuses, os olímpicos. Havia um 13º deus, Hades (irmão de Zeus), que habitava o seu reino - o mundo subterrâneo - e não vivia no Olimpo.

vitoriosa campanha que Hércules fundou os Jogos Olímpicos (PÍN-DARO, in JUNITO BRANDÃO, 2009, v. III).

Outra versão é aquela que trata da determinação de Pélops em desposar Hipodamia, filha do rei de Pisa, Enómao. Todavia, havia um grande empecilho: o pai da princesa era conhecido por não poupar nenhum dos pretendentes à mão de sua bela filha.

Conforme um oráculo havia predito, o rei seria morto pelo seu genro, o que o levava a desafiar todos os enamorados de sua filha para uma corrida de carros, matando-os de seguida (MARILLIER, 2000). Vencer o poderoso rei era uma das mais difíceis tarefas e as consequências sabidamente funestas.

A narrativa mítica alude à sabotagem do carro que era puxado pelos velozes cavalos reais. Dizem que foi a própria Hipodamia que, apaixonada pelo herói, tratou de colocar parafusos de cera, no lugar dos de metal – ou afrouxar os de metal – da roda do carro de seu próprio pai. Pode ser, também, que a dita sabotagem tenha sido executada por um dos cocheiros do rei, persuadido pela bela princesa⁹.

O resultado foi que durante a competição as rodas do carro do rei se soltaram e no incidente o soberano morreu. Pélops foi declarado vencedor, recebeu a primeira coroa da vitória (FÁTIMA SILVA, 2000) e casou-se com Hipodamia.

O mito revela que desde os tempos mais recuados, a astúcia e a fraude poderiam estar presentes nas competições desportivas, mas também relata sobre o empreendimento e sobre a determinação humana diante das mais intensas dificuldades. O mito é, segundo Junito Brandão (2009, p.38, v. I), “ilógico e irracional”, as narrações são intrigantes e, às vezes, absurdas, mas ao mesmo tempo fascinantes

⁹ Embora o mito do herói seja, muitas vezes, ambíguo e paradoxal, temos dúvida se o acidente que provocou a morte do soberano rei de Pisa tenha sido proposital, pois, como se sabe, Pélops era, na cultura antiga, um semideus venerado por todos, tanto é assim que o seu túmulo repousava no Monte Olimpo (onde se pode ver as ruínas de Pelopión e de Hidodamión) e os Jogos Olímpicos eram, antes de serem dedicados a Zeus, em honra à sua memória. A nossa conclusão é que dificilmente um sabotador, ou o vencedor na competição fraudulenta, teria o prestígio de semideus e gozaria de tão elevado apreço.

e compulsivas, portanto, não é de se surpreender que o mesmo seja mesmo paradoxal.

Desta maneira, podemos encontrar a possibilidade de se decifrar o mito de distintas maneiras, tal como fez Píndaro (*Olímpica*, I, 70) ao narrar a oração de Pélops antes do embate. O herói, no seu íntimo, sabe do grande risco a que se vai submeter e, para isso, há que ser alguém com coragem inquebrantável capaz de aceitar a possibilidade de ser detido pela morte.

Para homens com a alma de escol é preferível enfrentar a morte do que deixar-se consumir em vão numa velhice anónima e longe de tudo que faz a beleza da vida. Por isso Pélops, resolutivo, confirma que irá enfrentar a difícil prova e pede apoio divino. Esta passagem tem tão grande importância para a história desportiva que Fátima Silva (2000, p. 65) aduziu a seguinte reflexão:

“A afirmação do poder humano, da sua capacidade de enfrentar os riscos impostos à própria condição, como o ideal de um objectivo que dá sal à vida e o perpetua para além das sombras, esta é uma filosofia de vida humana que enobrece o homem e que o cenário olímpico se tornou um palco privilegiado”.

Por tal, a memória de Pélops ficou associada à vitória olímpica e o seu túmulo tornou-se um lugar de devoção. Segundo Fátima Silva (2000), os Jogos Olímpicos eram mesmo um certame fúnebre em sua honra. Alguns sugerem, como Junito Brandão (2009, v. III), que os jogos desportivos têm origem no culto aos mortos, sendo a sua função primordial homenagear os grandes protagonistas míticos levados pela morte. Tanto era assim que os Jogos de Olímpia, antes de pertencerem a Zeus, estavam consagrados a Pélops¹⁰.

10 É difícil aceitar que foi Pélops o introdutor dos Jogos Olímpicos, pois, como podemos notar, o herói entrou numa cena competitiva que já existia, porque o soberano pai de Hipodamia estava acostumado a desafiar e matar a todos os pretendentes à mão de sua filha. Depois, Pélops não estava ali com a intenção de fundar os Jogos Olímpicos, ele queria apenas casar-se com a princesa. Segundo Pausânias (Livro V, II), Pélops organizou os jogos de Zeus Olímpico mais famosos que o de todos os homens anteriores a ele. Ou seja, os jogos em homenagem a Zeus já existiam há algum tempo...

Nos jogos fúnebres em honra a Pátroclo (*Iliada*, XXIII, 280), os prémios eram os despojos do herói morto, pois neles repousavam a força e a habilidade que distinguiram em combate o jovem guerreiro. Aquiles organizou e cooperou com os competidores, arbitrando as contendidas. Essa competição acontecia num momento de pausa consentida entre os combates bélicos, admitindo-se a possibilidade dessa prática gerar o que mais tarde se denominou de trégua sagrada. Por causa de celebrações como esta, muitos dos jogos pan-helénicos passaram a ser consagrados a um herói e não apenas a deuses.

A ação desportiva surge, na tradição da *Iliada* de Homero, como sinal de identidade dos heróis e de cada um deles em particular. O desporto, na reflexão de Sobral (2000, p. 208), “e a proeza que o concretiza possuem, assim, um intérprete, um rosto e um nome desde a Antiguidade”, sendo uma identidade de contornos divinos e digna de ser exaltada pelos grandes jogos de outrora.

Uma outra interpretação dos jogos em homenagem aos mortos tem a ver com a simbologia sobre o porvir dos homens após a sua morte, pois o destino, ao conduzir os heróis para o outro lado da existência universal onde reina o desconhecido, não deixa de ser uma maneira de estabelecer contatos com um horizonte onde somente os deuses conhecem e regem (FATIMA SILVA, 2000).

É necessário destacar que nos jogos em homenagem a Pátroclo aconteceu a origem da polidez e da gentileza revelada na prática desportiva, tendo ficado patente nas atitudes dos antigos guerreiros no momento em que competiam em paz. É interessante relembrar o pugilista Epeio reerguendo seu adversário, Euríalo, após o duro golpe que acabava de o colocar fora de combate (*Iliada*, XXIII, 694). Era um “duro golpe” no físico do adversário, mas, ao mesmo tempo, um exemplo arcaico daquilo que mais tarde o olimpismo passou a denominar de *fair play*!

Uma outra narrativa conta que o período imediatamente anterior ao primeiro renascimento dos Jogos Olímpicos ficou marcado por terríveis turbulências sociais, tanto que tornou-se conhecido historicamente como *Idade das Trevas*.

Conta-se que o rei Ífito de Élide estava desolado. A sua terra havia sido arrasada pelas doenças contagiosas e pela guerra interminável. Como era então costume, solicitou apoio ao Oráculo de Delfos. Após a sua chegada ao templo, disse à sacerdotisa que estava ali para descobrir um meio para pôr fim à guerra e à peste que estavam a destruir o seu reino. A resposta de Apolo foi clara: os Jogos Olímpicos deveriam ser restaurados e uma trégua deveria ser realizada durante a sua celebração (Pausânias, *Livro IV*, V e VI).

Especialmente rica de simbolismos e de significados, essa narrativa acontece, inicialmente, num cenário de escuridão, onde o ator é um rei que, mesmo sendo bom, se encontrava esgotado, sem forças para enfrentar as mazelas que se abatiam sobre o seu reino e, sem alternativas, apelou aos deuses que enviassem uma luz. Para a sabedoria divina essa luz era o desporto! Um ritual de passagem das trevas para a luz!

Os jogos que estavam esquecidos foram reintroduzidos no seio do povo da Élide e, com isso, os atos realizados pelos deuses num tempo mítico poderiam ser novamente imitados, reatualizados e ritualizados.

Os acontecimentos posteriores são conhecidos: a *Idade das Trevas* foi substituída por um período de ouro para a humanidade em geral e para o desporto em particular. Os Jogos Olímpicos começaram a ser realizados de quatro em quatro anos no santuário de Olímpia, sendo um legado à (da) humanidade que dura há quase 30 séculos, embora com um hiato de cerca de 1500 anos. Só uma atividade com um profundo significado humano sobrevive à obscuridade de um milénio e meio!

Ao reintroduzir os Jogos Olímpicos, o soberano presenteou à humanidade um legado que começou a ser contado e cantado em verso, prosa e suor. É a vida de homens e de mulheres unida com a dedicação genuína à causa do rendimento, da superação, da coragem de enfrentar os desafios, da perseverança em suportar as frustrações e da alegria na concretização de seus feitos. Estes são alguns dos instrumentos que lapidam a alma humana e a lança na direção da transcendência. Píndaro¹¹, na sua VIIª Ode Olímpica (vv. 85-90),

11 Nasceu em Tebas (518-438 a.C.). Autor da célebre frase “Homem, torna-te no que és”. Conhecido como o príncipe dos poetas e primeiro cronista dos certames desportivos.

oferece um canto saudando a expressão destes atributos: “Mas, ó Zeus pai, (...), presta honras ao hino ritual da Olímpica vitória, ao homem que nos punhos encontrou a supremacia (*areté*); dá-lhe, de concidadãos e estranhos, respeito e agrado”. Junto com esses atributos, os desportistas levantam-se todos os dias para treinar, competir e superar. Nancy Hogshead (medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, 1984), chamada por Cousineau (2004, p. 167), dá o seu depoimento sobre um dos mais tradicionais princípios que regem os valores como o da superação:

“Por que se superar? (...): porque as recompensas de tentar chegar à excelência são de facto muito grandes. Não estou falando de prêmio em dinheiro, de uma condecoração, nem mesmo de uma medalha de ouro. Estou falando de ter um sentido de vida ou vocação que dá vida às tarefas mais banais. De um orgulho profundo de levar a vida que estamos levando”.

Aquele rei, ao tentar salvar o seu povo e o seu reino, presenteou inúmeras gerações e a cultura universal com uma das mais sagradas heranças da história da civilização, o desporto olímpico!

Ao longo dos séculos o cenário olímpico modificou-se na sua estrutura material, no aumento do número de modalidades desportivas, na sua importância social, na duração temporal, na disposição espacial, na sua viagem para além de Olímpia e, particularmente na contemporaneidade, no valor económico associado à sua concretização.

O evento que, sob a luz do sol de Olímpia, acontecia quadrienalmente na cidade-estado da Élide conquistou o mundo, aproximou povos, culturas e religiões e transformou o planeta Terra numa autêntica *polis* cósmica. Criou condições de fazer dos *media* um arauto global. “Na era mediática, são os *media* que anunciam e garantem as tréguas para os Jogos Olímpicos, e os heróis são endeusados na televisão” (FRANCO, 2013, p. 100).

Seja pelos *media* ou pelas histórias fabulosas, os Festivais Olímpicos foram, são e serão sempre “contemporâneos do momento mítico da sua descoberta” (ELIADE, 1978, p. 99). A competição instaurada pelos deuses, revigorada por Hércules e Pélops – arquétipos do herói e modelos de atleta – e reintroduzidas pelo rei Ífito, nosso antepassado valoroso,

possui uma enorme força catalisadora que se expressa através de gestos, sinais, hinos, cultos e mitos, tornando-a compreensível ao olhar humano. Quando se alia esta competição às ações humanas de superação, acontece a suspensão do tempo ordinário e profano em benefício de um tempo mítico e sagrado, recuperando a dimensão daquilo que designamos como espírito, o Ser permanentemente Presente!

A esse propósito pergunta-se retoricamente: como medir valores vinculados à essência dos Jogos Olímpicos que fazem parte de um património cultural, mítico, ritual e sagrado? Como medir sentidos e significados que apontam para um modelo de transcendência? Parece que estamos perante uma tarefa impossível de ser realizada.

Faz algum sentido a afirmação de que na atualidade os legados tangíveis dos Jogos Olímpicos são mais fáceis de serem identificados e materializados que os de natureza intangível. Porém, tratando-se da substância axiológica os legados intangíveis fazem parte do antes e do depois daquilo que explicamos como tangível. Por isso, as medidas objetivas, tangíveis e concretas são apenas parte de um material da cosmologia desportiva.

O carácter mais profundo do legado olímpico pode ser debatido seguindo os passos de Teixeira de Pascoaes (1993, p. 72), quando este poeta-filósofo estabelece uma subtil relação entre a poesia e a ciência [entenda-se, entre a filosofia e a ciência], considerando que a “poesia finda onde principia a ciência, e principia onde a ciência finda. É o *antes* e o *depois*, o *por quê* e o *para quê*. E, entre eles medeia o *como*, o *vaivém*, o *fluir* e o *refluir* da onda, um palpitar de reflexos irisados...”.

Sem dúvida que as medidas tangíveis ocupam um lugar importante para a explicação do fenómeno olímpico, mas para a sua compreensão integral é necessário ir além das aparências, do observável e do concreto.

Torna-se imperioso estimular as pessoas a indagar sobre a substância axiológica que preenche e conforma todos os atos olímpicos, sem a qual o desporto seria uma mera atividade física desprovida de um sentido humano. O desafio de encontrá-la é igual ao segredo musical onde não há possibilidade da música existir sem o silêncio existente entre as notas musicais.

UMA PEDAGOGIA MÍTICA

A Grécia Antiga é a raiz, inspiração e fonte difusora de muitos dos legados ocidentais, especialmente aqueles ligados aos valores humanos superiores. Nos certames desportivos, valores como disciplina, respeito, superação, determinação, ética, dignidade e outros são a argamassa com a qual é e foi forjado o treino e a *performance* dos seus atletas. Sobre esse assunto, Salis (2010) esclarece que esses valores não conhecem diferença alguma entre o antigo e o moderno, uma vez que estamos perante temas permanentemente atuais e não sujeitos à efemeridade de modismos. A mitologia está cheia de símbolos, exemplos míticos e histórias de deuses e heróis que de maneira exemplar colocam em relevo os aspetos fundamentais da axiologia desportiva.

A maioria dos deuses e dos heróis da mitologia grega são seres que possuem nas suas biografias alguns pontos em comum: nascimento difícil, sujeitos a perseguições, realização de certas tarefas complicadas e desafios variados (PINTO, 2013), seguindo, como nos ensina Campbell (2007), um mesmo modelo ritual de separação, iniciação e retorno.

Vejamos os casos de Apolo, Dioniso e Hércules.

Apolo consegue nascer, apesar da perseguição colérica de Hera (esposa oficial de Zeus) que fez com que a sua mãe, Latona, sofresse muito para o dar à vida, recebe uma tarefa complicada de Zeus: ir a Delfos e combater o dragão, ou serpente, Píton. Apolo venceu o dragão, mas toda mancha causada por uma morte era como uma ferida contaminada para sempre. Por isso, o filho de Zeus teve de viver um tempo afastado, no vale de Tempe, purificando-se. As cinzas do dragão foram enterradas no umbigo, o Centro de Delfos, aliás o Centro do Mundo, onde foi fundado o Oráculo de Delfos (JUNITO BRANDÃO, 2010, v. II). Só depois de superar esses reptos é que Apolo pode juntar-se aos seus pares no Olimpo. E, além disso, em sua honra foram instituídos, em Delfos, os Jogos Píticos – de Píton, a serpente ou dragão.

Já Dioniso, o deus do êxtase e do entusiasmo, após a morte da sua mãe (Sémele) – que morreu ainda grávida do deus¹² – nasceu da coxa de Zeus, seu pai. Depois do seu nascimento, a deusa Hera

12 Sémele, mãe de Dioniso, morreu ao presenciar todo o espetáculo de raios em torno da verdadeira imagem de Zeus. Dioniso é retirado do corpo da sua mãe e gestado na coxa de Zeus.

descobriu onde se encontrava o pequeno deus e, para se vingar da traição do marido, encarregou os Titãs de raptá-lo e matá-lo. Os enviados de Hera cortaram Dioniso em pedaços e comeram-no, sobrando apenas o coração do deus a palpitar. O deus do entusiasmo renasce do seu coração, pois um deus é imortal e, em seguida, viaja ao mundo dos mortos e retira de lá sua mãe (JUNITO BRANDÃO, v. II, 2010; PINTO, 2013; FERRY, 2010). Este episódio ofereceu material mítico suficiente para ser instaurado o culto à divindade.

Um dos muitos cultos ligados a este deus era aquele que tratava do nascimento, vida, morte e renascimento. Será que, de acordo com o mito do deus popular, a imortalidade humana se esconde no coração? É um outro tema, mas a pergunta, ainda que retórica, não podia deixar de ser feita...

Dioniso era reverenciado como o deus do vinho, das festas, das danças e do teatro (tragédia e comédia). Entre os deuses imortais e os homens mortais (e destes dos animais), Dioniso reduz a distância entre eles (VERNANT, 2006), consagrando a união cívica na ordem religiosa coletiva. Não se tem notícia de algum certame desportivo que levasse o seu nome¹³, mas as danças e a música que acompanhavam os festivais eram uma das expressões do *coniunctio oppositorum*¹⁴ dionísia e apolínea.

Antes de ascender (retornar) ao seu lugar no Olimpo, o deus teve que empreender uma expedição de caráter bélico à Índia. Foram, como podemos notar, muitos os reptos enfrentados pelo deus do transe até à sua glorificação olímpica.

13 Os festivais designados de Dionísias Rurais e Dionísias Urbanas ou Grandes Dionísias eram dedicadas ao drama, não havendo notícia de jogos de caráter desportivo.

14 Jung (citado por Campbell, 2008) chama de a conjunção dos opostos. Junito Brandão (2009, v. I) fala-nos de *complexio oppositorum*, a reunião dos contrários. Já Eliade (2011) vislumbra a ideia de coincidentia oppositorum, ou seja, a coexistência dos contrários que no pensamento chinês aparece na fórmula yin e yang; aspetos opostos (antitéticos), mas complementares da realidade: dia/noite, positivo/negativo, fecundidade/esterilidade, vida/morte... Esses termos surgiram para superar o recrudescimento do dualismo espírito-matéria o qual se expressa na crença religiosa do bem em oposição ao mal e se manifesta através de inúmeros exemplos de diádes e polaridades: cósmicas, sociais, religiosas, entre outras.

Hércules, por sua vez, também foi perseguido por Hera, tendo de realizar os conhecidos doze trabalhos, cada um com mais dificuldade que o anterior, onde desceu ao mundo dos mortos, lutou contra diversas criaturas e enfrentou desafios dolorosos. Literalmente sofreu durante todo o tempo! Fundou, junto dos homens, os Jogos Olímpicos em sua honra e à de seu pai, Zeus. A vida deste herói – um semideus de nascimento – tornado deus é um exemplo de esforço, de drama, de luta e de superação para se tornar num dos olímpicos (PINTO, 2013).

Apolo, Dioniso e Hércules são deuses, mas apenas se tornam de facto e de direito quando ascendem ao Olimpo. O carácter divino existe, no dizer de Pinto (2013, p. 17), “[...] em potência, mas falta-lhes afirmar essa natureza com atos. Faltava-lhes duas dimensões, efetivamente divinas: ter culto, e superar provas”. Foi o que eles fizeram!

Que mensagem os deuses quiseram passar? Do ponto de vista da mitologia, Eliade (1978, p. 36) alerta de que “todos os atos religiosos foram inaugurados pelos deuses, heróis ou antepassados míticos”. Portanto, a trajetória desses deuses e heróis, como modelos exemplares, encerra a mensagem de que para alguém ser levado ao Olimpo de uma vida e desfrutar da companhia dos deuses, o indivíduo deve empreender uma luta sem tréguas para superar os desafios da sua existência.

Os deuses e os heróis são modelos para os atletas e para os homens em geral... Então é natural, e ao mesmo tempo sobrenatural, que os atletas sigam o mesmo caminho desbravado anteriormente, num tempo divino, por seres extraordinários.

Que bela lição pedagógica recebemos pela ação dos mitos: ninguém consegue chegar ao Olimpo – saborear a ambrosia dos deuses –, nem chega a participar numa competição desportiva e, muito menos, entrar no estádio olímpico e ganhar uma medalha, se não estiver preparado para suportar provações e experimentar o gosto amargo do esforço, do sacrifício, das dores e frustrações do dia-a-dia da vida desportiva. Desse modo, é de se imaginar que os seres míticos, atletas e desportistas em geral, podem compartilhar o mesmo caminho em direção ao seu lar sagrado.

Deuses, heróis e semideuses lutam por manter o equilíbrio e a harmonia das forças que compõem o cosmos (FERRY, 2010). Tarefa que originalmente pertenceu a Zeus, ficou para Hércules e de alguma maneira veio parar às nossas mãos, atletas ou não, de simples mortais...

Continuemos com a pedagogia mítica. A batalha que aqui evocamos passa-se dentro de cada um de nós. É a luta que empreendemos para atingir o nosso Olimpo interno! Pela luta exterior e pela batalha interna aproximamo-nos do legado divino, a transcendência, naquilo que podemos traduzir por essência e plenitude da consciência humana, ou seja da *areté*! Não seria esta uma das relações inquebráveis entre aquilo que os Jogos Olímpicos, como um ritual de valorização à luta e à superação, representam e o nosso desejo original de autodescoberta circunscrito no imaginário individual e coletivo? As belas palavras de Junito Brandão (2010, p. 95, v. II) confirmam esta possibilidade: “uma comunhão, um elo infrangível entre as cerimónias culturais e cultuais”.

De facto, o desporto representa, qual ritual, os dramas, comédias, paixões e amores da vida humana, sendo o palco e o cenário privilegiados onde o homem se vê representado e, ao mesmo tempo, se vê como protagonista, seja atleta ou espectador, de uma peça que é a própria expressão lapidar da sua existência. Em algumas horas, minutos e/ou segundos todo universo de sonhos e tragédias está ali, diante dos olhos de todos, sendo vivido e não apenas encenado; não há roteiro, nem combinação nem certeza alguma (GARCIA e CUNHA, aceite para publicação). Há apenas o risco e o desafio de se tentar sair da melhor maneira possível de uma prova que não se pode repetir...

O homem cria e participa no desporto e, ao mesmo tempo, é recriado por ele que, simbolicamente, se converte num reflexo da vida, numa *palestra* adequada onde treinamos e nos preparamos para encarar os conflitos, internos e externos, que nos aguardam (Fernández, 2004).

PROMETEU, APOLO E O FOGO SAGRADO

Parece inacreditável que os Jogos Olímpicos, uma criação fortemente marcada pela presença do sagrado, tenham, especialmente nos últimos anos, feito concessões a interesses económicos, utilitários e individualistas numa autêntica ode à esfera do profano. Urge saber se não estaremos diante de uma irreversível fuga dos deuses e dos heróis para regiões distantes do campo desportivo. Temos dúvidas perante este determinismo cético! Afinal, o tempo profano é o da vida (agora) e o tempo sagrado é o tempo da eternidade! (JUNITO BRANDÃO, 2009, v. I).

Tal como a esperança foi a única virtude que restou na caixa de Pandora, pensamos que há alguns sinais animadores numa sempre presente revitalização dos mitos que teimam em permanecer nas camadas mais profundas da alma dos Jogos Olímpicos, esperando apenas a oportunidade para se manifestar.

Reatualizando e renovando os mitos por meio de rituais, o homem torna-se capaz de repetir o que os deuses, heróis e antepassados fizeram nas origens (JUNITO BRANDÃO, 2009, v. I). Tudo o que não obedece a um modelo exemplar é destituído de sentido profundo (ELIADE, 1978). Já os atos humanos em contato com a efervescência do sagrado tomam posse do *verdadeiramente* real. Deste modo, o homem tem o poder, tal como os deuses, de criar, abrir novas perspetivas e reatualizar os seus mitos.

Como os rituais são os mitos em ação, podemos regenerar na atualidade a expressão das forças e das energias que brotam dos Tempos imemoriais. No olimpismo tal tarefa também se verifica.

Com esta mensagem renovadora verificamos que, no âmago dos Jogos Olímpicos, um dos rituais em constante atualização e que se encontra revestido de um valor simbólico é o da Chama Olímpica. Para tal, consideramos de grande valia meditar neste tópico, sendo necessário dirigir a discussão a partir de representações simbólicas contidas em dois mitos: Prometeu e seu legado, e de Apolo, o deus da Luz.

Como o presente estudo se concentra em símbolos e valores, especialmente os sagrados, ligados aos mitos e aos rituais, é imperioso

associar os mitos de Apolo e de Prometeu, pois o deus da lira ajuda-nos a dirigir e orientar a nossa interpretação na direção do sagrado e do espiritual. Com efeito, Apolo simboliza o fogo interior do sol (JUNITO BRANDÃO, 2010, v. II). Com isso, queremos evitar outras interpretações ligadas ao mito de Prometeu e ao significado do fogo sagrado, o qual foi entregue aos homens. No nosso caso, interessa saber qual é a relação entre o fogo, roubado por Prometeu, e as dimensões espirituais, e que analogias podemos apurar entre o mito de Prometeu, o deus Apolo e a tocha olímpica. Vamos primeiramente à contextualização e, em seguida, à interpretação.

Lamentavelmente, hoje em dia o fogo olímpico “é encarado, [...], sob uma forma degradada e profana” (MARILLIER, 2000, p. 101). Vários autores interpretam as cerimónias relacionadas com o fogo olímpico como signos vinculados à política e à mercantilização do desporto. Cremos que, em função do grande significado sagrado e mítico desse ritual, existem outras formas de refletir o ritual do fogo sagrado que talvez possam revelar novas fontes de inspiração e de interpretação sobre os legados acumulados ao longo da história dos Jogos Olímpicos.

Mais próximo do nosso tempo, Marillier noticia que a cerimónia de manter aceso o fogo ritual iniciou-se nos Jogos Olímpicos de Amsterdão (1928), onde “a chama olímpica passou a manter-se acesa durante o decorrer das provas”. Este ritual repetiu-se em Los Angeles (1932), ocorrendo em Berlim (1936) “a primeira estafeta da tocha a partir de Olímpia” (MARILLIER, 2000, p. 67/68).

É natural que este acontecimento tenha sido introduzido e incorporado nos Festivais Olímpicos a partir de investigações históricas sobre experiências e rituais antigos inerentes ao fogo. Por exemplo, na Grécia Antiga alguns atletas vencedores de certas provas tinham a honra de acender, utilizando uma tocha, o altar olímpico. Na sequência dos tempos, os gregos começaram a anunciar a proximidade dos festivais olímpicos levando a tocha olímpica a várias cidades de seu território¹. Outro exemplo é encontrado nos Jogos Fúnebres, em honra a Pátroclo, quando Aquiles (Ilíada, XXIII)

¹ www.olympic.org, acesso em 09/06/2015.

pesarosamente diz que *antes que a pira consuma* [os restos mortais de] *Pátroclo* que os jogos se iniciem.

Em inúmeros povos o fogo faz parte dos cultos mais expressivos. No presente caso, parece que o fogo torna-se luz da celebração e o veículo que transporta os heróis para o outro lado da margem da vida.

Em algumas tradições gregas o fogo tinha um significado tão especial que a sua mitologia reservou um lugar relevante para os seus rituais. Cada casa mantinha um altar onde ardia liturgicamente o fogo sagrado, destinado à divindade dos lares, a deusa Héstia². Essa lareira era colocada no centro da casa representando a lareira da cidade, a lareira da Grécia, a lareira como fogo central da terra, enfim, a lareira do universo (JUNITO BRANDÃO, 2009, v. I). Para os antigos gregos o lar é o centro do universo, a coroa do mundo. Esta ideia mítica coaduna-se com a identidade do estádio olímpico, que discutiremos mais adiante.

O ritual do fogo é conhecido em várias culturas, nomeadamente na hinduísta³, budista⁴, cristã⁵ e no zoroastrismo⁶, possuindo um profundo significado religioso, espiritual e transcendental. Noutras tradições, incluindo as populares, o fogo possui significados variados como o *fogo da paixão*, *arder no fogo do inferno*, quem *brinca com fogo queima-se ou amanhece mijado*, *há uma prova de fogo*, ou ainda, na lírica camoniana, *amor é um fogo que arde sem se ver*. Há o fogo que aquece os lares, que cozinha os alimentos, que torce e retorce os materiais. Ainda temos a metáfora do fogo como a luz do conhecimento, o simbolismo do fogo celestial, as carruagens de fogo e o fogo como

2 Héstia era filha de Crono com a sua irmã Reia. Segundo Junito Brandão (2009, v. I), o termo grego que deu origem ao nome da deusa é *heúein* que significa passar pelo fogo, consumir. Héstia é o centro religioso do lar dos homens e do lar dos deuses: uma unidade crepitando a luz do fogo sagrado.

3 Agni, Indra e Sûrya são as chamas do mundo telúrico, do intermediário e celestial (JUNITO BRANDÃO, 2009, v. I). O fogo sagrado é um elemento encontrado em quase todos os rituais védicos.

4 No budismo o fogo, além de fazer parte de rituais, é considerado como o conhecimento, iluminação e destruição.

5 As fogueiras das festas de São João, a língua de fogo sobre as cabeças dos apóstolos e as velas acesas nas igrejas são algumas das formas rituais da presença do fogo entre os cristãos.

6 Símbolo da sabedoria, no Zoroastrismo os locais religiosos são conhecidos como Templo de Fogo: no Irão e na Índia os templos mantêm uma chama sagrada ardendo permanentemente. (<https://circulocubico.wordpress.com/2008/05/16/o-simbolismo-do-fogo-atravs-do-tempo-culturas-e-religies/>: consulta em 18/05/2015).

representante do astro-rei. A diversidade de rituais associados ao fogo é impressionante.

Para apreender a origem de acontecimentos exemplares é necessário entrarmos no segredo do mito fundador. Eliade (2004) afirma que um dos segredos do mito é proclamar o que se passou no início de tudo ou de uma nova situação cósmica. Em ambos os casos, o mito de Prometeu relata a origem de um facto sagrado sendo, ao mesmo tempo, a inspiração para um ritual que o Movimento Olímpico incorporou na sua prática: a cerimónia do fogo sagrado e o acendimento da pira olímpica.

O mito é uma narrativa de carácter sagrado que nos faz compreender a origem de algo com significado humano. Neste sentido, cremos que o mito explicativo da introdução da liturgia do fogo nos cerimoniais dos Jogos Olímpicos é aquele que conta a história do filho de Jápeto⁷.

Prometeu, um astuto e generoso Titã, roubou o fogo sagrado (conhecimento) dos deuses entregando-o aos homens. Tal aconteceu porque o seu irmão Epimeteu⁸ foi encarregado de distribuir qualidades a todos os seres habitantes da Terra. Porém, como Epimeteu não pensava antes de agir, espalhou as dádivas entre todos os animais esquecendo-se do homem, que assim não foi agraciado por nenhum atributo divino. Prometeu deu conta que a tarefa tinha sido mal executada, verificando que o estrago realizado por seu irmão traria muito sofrimento à espécie humana.

O filho de Jápeto reconheceu que aos homens restava apenas um futuro perigoso – seriam presa fácil para os outros animais que foram tão bem agraciados com força, dentes e garras pontiagudas – e sombrio. Com tal desvantagem os seres humanos não conseguiriam sobreviver. Contrariando as ordens de Zeus, que já havia negado

7 Segundo Hesíodo, Jápeto é um dos Titãs, filho de Urano (céu estrelado) e Gaia (terra), pai de Prometeu, Epimeteu, Atlas e Menoécio.

8 Prometeu significa *pro* (antes) e *metheus* (ver, saber) e o seu irmão gêmeo Epimeteu significa *epi* (depois) e *metheus* (ver, saber). Prometeu pensa antes de agir e o seu ansioso irmão pensa depois de fazer as coisas.

aos homens a posse do fogo divino, Prometeu rouba o fogo do conhecimento (autoconhecimento), entregando-o aos seres humanos, assegurando assim a sua superioridade sobre os demais animais. Por esse ato, Prometeu foi castigado por Zeus, sendo acorrentado e o seu fígado comido, todos os dias, por uma águia. O órgão ao regenerar-se durante a noite servia de alimento ao animal no dia seguinte. No final dessa história o solidário Titã foi libertado, com o consentimento de Zeus, por Hércules que matou a águia e, sob a mediação de Quirón, libertou-o (TEOGONIA, HESÍODO, 520-565).

Se os deuses eram os portadores do fogo é porque o mesmo era divino. A divindade responsável pela luz do fogo sagrado era Apolo⁹. O deus da luz espiritual era aquele que, antes de todos os deuses, concedia a inteligência, a ciência e a sabedoria (JUNITO BRANDÃO, 2010, v. II). Na mitologia grega, Apolo era tido como o grande deus da Luz, um deus solar e do fogo divino, diferentemente de Hélios, o deus do sol físico. Apolo representa a vitória da luz divina sobre o mundo sombrio da animalidade humana – trevas da ignorância, insensatez e crueldade. Apolo também era conhecido como mestre da expiação, a purificação do corpo e do espírito. Personificava a imaterial e inteligível luz da verdade interior. Apolo era hábil na música, na poesia, na lira, mas sobretudo no arco e na flecha (JUNITO BRANDÃO, 2010, v. II) e com esses lutou, ao lado de seu divino pai, contra os Titãs, para a inauguração do cosmos.

Para além disso, Apolo tinha a sua imagem associada ao ideal de educador, promovendo a inspiração pedagógica e a cultura de elevação do corpo e da alma em equilíbrio, harmonia e sintonia, bens necessários à inserção dos jovens e da população em geral na vida adulta e comunitária (SCHURE, 1996).

O mito diz-nos que o filho dileto de Zeus era considerado, depois de Hermes e de Hércules, um dos padrinhos das atividades desportivas, pois uma das consequências dos exercícios desportivos era a promoção da saúde. As atividades desportivas disciplinavam os movimentos e

⁹ Na mitologia grega era filho de Zeus e Leto e irmão gémeo da deusa Ártemis. O famoso Oráculo de Delfos era o local de culto e de indagações ao filho predileto do Crónida.

o ritmo interior do corpo, multiplicando as possibilidades físicas e psíquicas do ser humano (JUNITO BRANDÃO, 2010, v. II). Em Atenas, havia ginásios postos sob a sua tutela.

Importa referir que no frontão do templo de Apolo, Oráculo de Delfos, estava inscrita a sentença *Conhece-te a ti mesmo*, cujo desafio era buscar o desenvolvimento corporal e espiritual que pudesse despertar o homem para sua verdadeira identidade, utilizando a combinação de todos os meios para o desenvolvimento do corpo, da mente e do espírito, consubstanciando desta forma o superior ideal da *Paideia*, que pode ser traduzido pela elevação do ser humano através da educação e da cultura.

Uma das maneiras para a compreensão do simbolismo e o atual impacto do ritual da chama sagrada dos Jogos Olímpicos é a interdependência entre o mito e o legado de Prometeu em conjugação com a esfera espiritual representada por Apolo. Adiante regressaremos a este tema.

O ESTÁDIO, O PORTAL, A ESCADA E A PIRA OLÍMPICA: UM RITUAL DE MAGIA E ENCANTAMENTO

Após desenharmos alguns cenários míticos e históricos relativos ao surgimento dos Jogos Olímpicos e depois de explorarmos as possíveis causas míticas ligadas à chama sagrada e o seu transporte até o estádio, podemos intentar uma interpretação a alguns elementos constitutivos do desporto. Ao mesmo tempo, vamos convocar os elementos míticos que formam a tradição, a herança e os valores os quais fazem parte dos conteúdos que brotam das camadas mais profundas do imaginário coletivo sobre o desporto.

Deste modo, consideramos ser possível empreender uma viagem ao íntimo das pessoas com a finalidade de decifrar alguns dos sentidos e significados ligados à sensação de arrebatamento causados pela experiência de atração e de celebração dos Jogos Olímpicos.

Todos acontecimentos míticos-desportivos possuem um endereço, o estádio, autêntico teatro da imaginação, dos signos, dos cultos e dos mitos. Os gregos antigos consideravam o teatro como um local sagrado e os estádios, onde se desenrolava a peça desportiva, era igualmente reverenciado como um templo da superação e da força física e mental, aplicadas a uma determinada arte.

No espetáculo desportivo, repleto de símbolos, mitos, deuses, heróis e atletas, encontra-se a exuberância do Belo, o *Kalos*¹, o Belo supremo de corpo, alma e movimento da arte desportiva.

Salis (2007) considera que *Kalos* é aquela sensação maravilhosa que sentimos quando vislumbramos uma obra de arte, uma sinfonia e outras igualmente sublimes. Quando vemos ou realizamos uma ação desportiva que nos causa assombro e que nos desperta a alma, atingimos o *Kalos*.

1 No interior da *paideia*, surge a orientação do modelo pedagógico da *areté* e desponta também a abrangência do mais elevado modelo de educação humana (exigências ideais, físicas e espirituais), a *kalokagathia* (Jaeger, 2003). Essa era uma simbiose harmónica de beleza física, moral e espiritual; a *areté*, o seu expoente máximo, reclamava, além disso, êxito na vida.

O estádio grego era um catalisador do Belo, um arrebatamento que desliza entre o humano e o divino, atraindo a atenção e a sensibilidade de todos, pois temos a sensação de familiaridade com a Beleza fundamental. Talvez seja essa uma das explicações sobre a importância do enorme apelo à popularidade dos Jogos Olímpicos.

O estádio, mais do que uma estrutura física, contava – ainda conta – a história dos feitos atléticos e das virtudes humanas, pois ao competir nos limites das suas forças em busca de uma vitória, o desportista encarna o espírito da *areté* agônica cuja expressão é maior do que a própria competição. “Luta contra a sua caducidade, contra os seus limites, exercitando-se nas virtudes, vencendo-se a si mesmo para que nele triunfe a sua centelha divina” (Urbano, 2000, p. 191), o homem, por mediação daquele espírito, expõe-se a uma competição de dimensão cósmica.

O estádio é o centro do mundo e, com isso, atinge o estágio de lar ancestral da diversidade das manifestações humanas. Há nele um canal de comunicação com a dimensão do Olimpo, onde os deuses assistem às realizações humanas e se deleitam com a substância emanada das mesmas: um espaço cósmico cuja representação e dramaticidade correspondem àquilo que é o mais genuíno, a própria vida.

O estádio, assim como o teatro, é o centro do universo, o lugar onde se experimenta o imanente e o transcendente, onde se encontram Apolo e Dioniso, o drama e o regozijo, o sagrado e o profano, uma rara oportunidade para se viver a divina unidade dos pares opostos. Como revela Junito Brandão (2010, p.61, v. II), é “pelo *Centro*, local sagrado, que o divino se manifesta, por *hierofania*, isto é camuflado, disfarçado, metamorfoseado, ou por epifania, quer dizer, de forma direta”. Segundo o mesmo autor, o ponto central do universo é um centro mítico e não geográfico. Este ponto é único no céu e múltiplo na terra.

Nos estádios desportivos, simbolicamente instalados no centro do universo humano, os deuses surgem de forma velada nos atletas, na multidão, nos árbitros, nos vencedores e nos perdedores, e de forma direta no coração de cada uma dessas personalidades no momento de

júbilo, onde a obra desportiva – autêntica, verdadeira e heroica – surge aos olhos de todos – despertando o *Kalos* –, diante da nossa alma, acalentando uma sensação de intimidade, de (re)ligação e encontro.

A Beleza proveniente dessa experiência – um momento raro e fugidio, mas de consequências eternas – impele-nos a saborear as emoções das alturas supra-humanas, assumindo dentro de nós um espaço que deve ser preenchido por estar incompleto. Por um instante somos a própria plenitude. Possivelmente seja esta uma das fontes mais preciosas da linguagem mítico-desportiva na qual acalentamos os nossos ideais utópicos que nos inspira/espiritualiza (Apolo) e embriaga/enlouquece (Dioniso) ao deparar-nos com a grande festa desportiva: uma herança imperecível e, portanto, imperdível...

A conceção de centro é extraída a partir da ideia de um canal de comunicação, podendo ser identificado por um pilar, uma pedra, uma árvore, um obelisco ou uma pira. O estádio enquanto centro do mundo abriga, como eixo deste centro, a pira olímpica! Apolo, deus do sol interior, fixou o centro do mundo grego no Oráculo de Delfos. No interior do oráculo havia o *omphalós* (umbigo), ali representado por uma pedra que a sacerdotisa ao tocá-la estabelecia contato e união com o deus (JUNITO BRANDÃO, 2010, v. II). A pira olímpica, portanto, pode ser considerada, pelo simbolismo apolíneo, o centro do centro do mundo, local da direta manifestação do sagrado.

Do mesmo modo, o fogo mítico acesso pelo sol nas ruínas do templo sagrado de Hera na cidade de Olímpia, chega ao estádio e cumpre a liturgia sagrada e eterna de instituir e lembrar que os deuses e as deusas estão presentes, conferindo ao momento uma realidade mítica de encantos, êxtase e de entusiasmo.

Durante o seu percurso, a chama sagrada percorre muitas cidades, passando de mão em mão até à entrada do estádio olímpico. Esse ritual é de grande relevância, contendo um simbolismo especialmente significativo! O fogo, visto pelo simbolismo místico (uma das características de Apolo), representa a centelha divina que habita o interior de todos os homens e mulheres. É, ainda, a dimensão que anima e nos une numa só família e numa só vida, a vida do espírito.

Quando a tocha percorre o seu caminho, uma multidão de pessoas acompanha-a em forma de procissão, parecendo que ao vermos a chama algo em nós também se acende. Não é difícil notar o turbilhão de emoções que brotam a partir deste ritual! Quem não se emocionou com a passagem da tocha olímpica? Muitos que o carregam – caso emblemático foi o de Pelé – arrebatados pela experiência do transporte do fogo sagrado, exteriorizam, com lágrimas, essa emoção.

O ritual é a representação do mito e ao participar nessa ação somos contemporâneos do momento fundador. E relembrar, reviver e reencontrar as nossas raízes espirituais é participar no rito de retorno às nossas origens. Quando no meio da escuridão em que viviam os homens surge a figura de Prometeu trazendo consigo o fogo dos deuses, o fogo da consagração e o fogo do conhecimento, o universo iluminou-se, legando aos desafortunados de virtudes a esperança de encontrar o caminho que os levariam à presença dos deuses. Mesmo contra a vontade de Zeus, os homens tornaram-se capazes de, mantendo o fogo divino acesso no seu interior, trilhar a vida do espírito.

Na Grécia Antiga, em todos os lares, em todas as cidades, em todos os templos havia a celebração do fogo sagrado, presidido por Héstia. O fogo era a fonte de inspiração para os ideais de encontro familiar, de confraternização coletiva e de unidade espiritual. Hoje já não temos o fogo crepitando no altar dos lares e das cidades, mas os Jogos Olímpicos, herdeiro, guardião e difusor de valores sublimes da humanidade, inspirado nos legados dos antigos mitos, faz da jornada da tocha olímpica uma representação do drama humano na busca de ideais superiores de vida, o de transcendência e de imortalidade.

O percurso da chama olímpica é dividido entre aqueles que a transportam e, desta forma, cada pessoa presente no cortejo, ilumina-se, cada cidade cintila e cada país se enche de luz. Pelo fogo trazido por Prometeu e pelo brilho da luz de Apolo que emana do ritual, o universo humano é convocado a fazer resplandecer a sua nobreza e a sua dignidade.

Finalmente, quando a tocha se aproxima da pira olímpica há, no

estádio e em todos os lugares do mundo, a supressão do tempo ordinário, ocorrendo a consagração do tempo mítico do princípio primordial. Quando o último mensageiro (Hermes) trazendo o fogo simbólico, representando todas as pessoas, todos os lugares e todos os sentimentos, sobe até às alturas onde se encontra a pira olímpica e a acende, é possível imaginar a face de Zeus reluzindo sobre o estádio e o brilho apolíneo em cada rosto. A emoção é contagiante!

A pira representa que os deuses estão presentes e o fogo sagrado que a acendeu fez o caminho de regresso – o eterno retorno. Retirada dos deuses por Prometeu, retorna aos seus donos pelas mãos dos homens e, assim, não só recuperamos o mito como desacorreamos Prometeu. Com isso, simbolicamente, demonstramos que fomos dignos do legado do mito. O sacrifício de Prometeu não foi em vão. Durante um lapso de tempo os atletas esforçar-se-ão na busca da superação, perfeição e da excelência. A liturgia dos deuses dá espaço ao culto dos heróis! Ninguém pode ficar indiferente a isso. Nem nós, mortais, nem os deuses, imortais!

Resumindo o cenário mítico que se repete de quatro em quatro anos, temos: a tocha é acesa num local sagrado (templo), por representantes das antigas sacerdotisas (deusa Hera), a corrente ígnea deriva da pureza universal (sol), o fogo simbólico inicia a sua viagem (por terra, mar e ar) de pessoa para pessoa, de lugar para lugar, de cidade em cidade, de país em país. Chega ao estádio (o centro do mundo), entra no estádio (ultrapassa o portal), dirige-se à pira, sobe as escadas (ascensão) e acende o fogo divino que irá presidir às competições desportivas.

O estádio é o centro do mundo espiritual, a tocha olímpica é o centro da existência humana, a sua centelha divina (de vida), a escada é “o símbolo de ascensão para se chegar ao divino” (JUNITO BRANDÃO, 2010, p. 62, v. II) e a pira olímpica acesa é a representação de que a divindade está presente, mas ela só realmente estará porque o fogo ritual é, na verdade, a união de todas as centelhas individuais, ou seja uma sinfonia de luzes e cores para saudar Prometeu. Os Jogos Olímpicos acontecem numa atmosfera onde reinam deuses, heróis, atletas e o público, ocorrendo em torno

da cidade olímpica, a *polis* que abriga o centro do mundo e a Terra, local onde tudo é gerado. A cidade que alberga os Jogos Olímpicos torna-se em *polis* cósmica.

Como apontou Junito Brandão (2010, v. II), esses são os pontos de junção e convergência entre o desejo do homem, individual e coletivo, e o poder sobrenatural de satisfazer esse desejo, quer se trate do desejo de saber, de amar ou de agir. Lá, onde congregam esse desejo e esse poder, estão os Jogos Olímpicos. Afinal, os filósofos, os antropólogos, os míticos, os místicos e os santos sabem que o mundo físico é uma parte e símbolo do mundo espiritual (CAMPBELL, 2008). No nosso íntimo, deixando de lado a nossa racionalidade, podemos não saber como explicar – não há uma teoria ou uma medida confiável –, mas sentimos em nós a presença dessa verdade!

Assim, temos que os Jogos Olímpicos além de contarem histórias míticas e de ritualizar a presença do próprio mito, são o próprio mito vivo em todas suas manifestações culturais, cerimoniais e culturais, tanto imanentes como transcendentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste nosso tempo, onde a economia ocupa um lugar central na globalidade mundial, o Movimento Olímpico teve que aprender, conhecer e lidar com expressões próprias da linguagem econômico-financeira, como impacto econômico e social, legado tangível e intangível.

Além disso, passaram a ser relevantes os aspectos relacionados com a venda e patrocínio de produtos, espaços mediáticos e os frutos capazes de serem medidos em busca do maior rendimento econômico possível. São os impactos causados pelos deuses do mercado financeiro e mercantilismo no domínio dos deuses olímpicos.

Aquilo que era uma competição desportiva passou também a ser uma competição para além dos estádios, onde os resultados que importam não são só os desportivos, mas, sim, os do negócio. Por esse motivo, nota-se um crescente interesse no estudo de levantamento de cenários, de medidas que verifiquem os resultados desses megaeventos e de dados estatísticos que comprovem a viabilidade dos investimentos nas esferas sociais, culturais, viárias, turismo, ecológica e de estruturas físicas (estádios, piscinas, pistas, etc.), com o objetivo de determinar a popularidade política, assim como o impacto na imagem e na reputação do país e da cidade-sede, além da possibilidade de ostentar os ganhos advindos do *negócio* e da *indústria desportiva*.

A nossa intenção, embora respeitando outras exegeses, foi refletir sobre a perenidade dos grandes valores expressos na mitologia que mantém viva a chama do sagrado que dá corpo a uma pedagogia olímpica.

Desde a sua origem o homem procura a fonte que dê significado à sua existência. Por isso, orientámos o ensaio para temas que atendam a essa aspiração, tendo como categorias valores, símbolos e o sagrado existentes no cenário olímpico.

Segundo os autores consultados, o mito traça um itinerário na direção do coração do homem, apontando para o interior do ser. A sua principal função é empreender a fixação de modelos exemplares que consigam guiar o homem, neste caso o homem olímpico, pelo labirinto da conturbada existência contemporânea.

Os rituais existentes nos Jogos Olímpicos colocam os mitos em ação, possibilitando que passemos a viver, pelo menos durante um momento, o próprio mito.

Os certames olímpicos fazem “girar” o sagrado, lembrando o tempo primordial. Além disso, o seu cenário, o seu espaço e as suas representações possuem referências a paradigmas cósmicos e a modelos exemplares que habitam o universo simbólico da imaginação individual e coletiva.

A própria origem dos Jogos Olímpicos confunde-se com a cosmogonia ocidental fundada por deuses. Em harmonia com a teoria dos mitos, vimos que todas narrativas referentes à aurora desses festivais estão relacionadas com histórias de heróis e suas façanhas, e de seres extraordinários e seus feitos excepcionais, além dos próprios deuses.

É de realçar que a origem dos Jogos Olímpicos, pelo menos numa dada perspectiva, é anterior à própria cosmogonia, como ficou patenteado pela obra de Pausânias.

Deuses, heróis e antepassados míticos são modelos pedagógicos que ensinam pelas ações, atitudes e valores. A vida desses seres mostra que não há qualquer favorecimento nos desafios da existência: sofrem, lutam, caem, levantam-se, mas não se deixam abater pelas dificuldades, pois sabem que a vida sem um sentido superior não vale a pena de ser vivida.

Como aspiram ao Olimpo, todo o sacrifício é apenas uma oportunidade de provar o seu valor, o seu vigor e a sua potência. Mesmo que sejam dotados, pelo nascimento cósmico, de talentos divinos, os deuses e heróis foram submetidos às mais duras provas existenciais e só depois de as ultrapassarem é que podem ser considerados como deuses. Este exemplo mítico é repetido, pelos atletas (homens, mulheres e crianças) de todos os níveis, nos treinos e nas competições desportivas, durante uma vida inteira.

A estrutura mítico-desportiva-pedagógica orienta que todos os seres humanos serão confrontados, durante as suas vidas, com reptos de grande dificuldade e complexidade, mas, também, após

a superação desses acontecimentos, todos ficam mais fortes, crescem, conhecendo-se melhor. Esforço, determinação, disciplina e superação são valores que orientam esse processo ritual de autoconhecimento. Podemos dizer que pela orientação mítica e pelos modelos exemplares, *deuses somos, mas temos esquecido!*

Os Jogos Olímpicos são uma instituição muito antiga que durante a sua trajetória aproximou pessoas, povos, nações e o mundo inteiro, reduziu distâncias sociais, económicas e religiosas, construiu pontes entre o passado, o presente e o futuro, foi motivo de inspiração, de alegria, de amor e paixão, elevou o corpo e a alma humana e transportou o homem para sua dimensão sagrada, mítica e ritual.

Considerando essa perspectiva, agradecemos à figura mítica de Prometeu que foi crucificado nos rochedos por ter aderido à causa da humanidade, legando ao homem o fogo sagrado. Este episódio mítico favorece o entendimento sobre a estrutura e o caráter eminentemente simbólico do ritual do fogo olímpico e o acendimento da pira olímpica como um dos momentos mais emocionantes e grandiosos do cenário olímpico.

Inspirados no modelo exemplar de Prometeu e sob a orientação do deus Apolo, construímos uma narrativa na qual demonstramos que a humanidade, pela prática ritual acolhida nos Festivais Olímpicos, faz retornar aos deuses o fogo que Prometeu lhes havia roubado. Com isso, foi possível refletir que os Jogos, com origem em Tempos Imemoriais, tornam presentes, pelo rito, simbolicamente a batalha do homem para se tornar digno da herança de Prometeu. Finalmente, desacorrentamos Prometeu!

Na trilha dos legados míticos, podemos notar que todo o palco por onde se desenrola o drama desportivo é coroado por um rosário de valores e significados míticos. Por este ponto de vista, a tocha ao entrar no estádio provoca alterações naquele ambiente, consagrando-o.

O estádio passa a ser o Centro do Mundo, anda por toda parte do planeta, mas é sempre de um lugar. O pórtico que dá entrada ao estádio é um portal de transcendência. A escada que dá acesso à

pira Olímpica representa simbolicamente a ascensão para alturas do Olimpo. Finalmente, o fogo sagrado acende a pira, local reservado aos deuses. Essa atmosfera sagrada transforma o tempo profano em tempo sagrado, onde não se registam diferenças entre o fugaz e o eterno. O espaço ordinário é transmutado em espaço cósmico, não havendo lugar para as medidas ordinárias, prevalecendo o tempo infinito. É o fluir da vida espiritual no corpo do mundo.

Esse ambiente ritualizado mostra a força simbólica do mito, pelo que acreditamos que o principal legado dos Jogos Olímpicos é manter perenes os mitos, logo de natureza axiológica, não deixando assim que o desporto caia, em definitivo, no mercantilismo corrosivo. O atual Movimento Olímpico tem conseguido cumprir este desígnio!

A releitura e a (nova) significação dos mitos devem ser encaradas como autênticas identidades do Olimpismo. Cada um dos Jogos Olímpicos ritualiza a permanência dos heróis e dos mitos, e isso pode ser considerado o grande legado axiológico da cultura clássica. Talvez sem o testemunho mítico dos Jogos Olímpicos, a cultura clássica não tivesse a visibilidade que atualmente possui.

Perante a tremenda dimensão simbólica dos Jogos, não podemos perder a nossa capacidade imaginativa, pois esses elementos do imaginário individual e coletivo são a fonte da inspiração genuína dos atletas – vistos como herdeiros e continuadores da obra dos deuses –, estimulando o envolvimento direto ou indireto de toda a humanidade na programação e na assistência dos Jogos Olímpicos, ajuda no desenvolvimento da cultura desportiva e na sensibilização de todos os agentes envolvidos com o desporto a fim de fazer atrair e proteger outros valores que não sejam apenas os económicos, sem dúvida legítimos mas sem exclusividade.

Por outra via, o legado axiológico pode ser resgatado quando temos a oportunidade de celebrar a valorização do (re)encontro de culturas e de pessoas; a prática desportiva como uma mensagem universal; considerar a performance desportiva como prazer e alegria de representar a si, a sua família, a sua cidade e o seu país; entusiasmo em participar do momento, como atleta ou espectador, de uma

competição desafiadora; contemplar o surgimento de um ritual e admirar os desafios míticos no plano dos atletas e o coroamento dos deuses na cerimónia dos vencedores.

No fundo, do ponto de vista dos valores, aquilo que buscamos é que as nossas tarefas sejam permeadas por essa ideia de singularidade e Beleza que o desporto, em tantos e tantos momentos, nos convida a servir de testemunha, como, por exemplo, quando um desportista, num momento de graça, fluidez e verdade, realiza um feito inédito, maravilhoso e extraordinário. Feitos como esses, que, embora fugazes, efêmeros e breves, pela testemunha, pela memória e pela história se tornam eternos, ou omnipresentes.

Finalmente, considerando os simbolismos do fogo sagrado, entendemos que na verdade o que procuramos e o que talvez seja a mais nobre das missões, no fundo acalentada pelo imaginário coletivo, é que tudo o que se fizer tem de iluminar e aquecer os outros: exemplo paradigmático dos deuses, heróis e seres especiais!

Imaginamos, em síntese, que talvez o segredo pedagógico dos mitos, valores e significado do desporto seja a incorporação – estamos a pensar na preparação de atletas e na formação de treinadores – da educação para se reconhecer como herdeiro de um legado que vai muito além da simples performance ou de uma vitória: um compromisso (pelo exemplo) axiológico capaz de tornar a vida mais leve, mais significativa e valiosa. Sem dúvida, atitudes como estas podem mudar o mundo!

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zygmunt (2004). **Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- BRANDÃO, Junito Souza (2009). **Mitologia Grega**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, v. I e III
- BRANDÃO, Junito Souza (2010). **Mitologia Grega**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, v. II
- BURKERT, Walter (1991). **Mito e Mitologia**. Lisboa: Edições 70
- CAMPBELL, Joseph (2007). **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento
- CAMPBELL, Joseph (2008). **Mito e Transformação**. São Paulo: Editora Ágora
- CARDOSO, Marcos Vinícius; FLEURY, Fernando; MALAIA, João Manuel (2013). O Legado da Copa e seu Impacto no Futuro da Cidade de São Paulo. **Future Studies Research Journal**. São Paulo, v. 5, n. 1, pp. 164-197
- COUSINEAU, Phil (2004). **O Ideal Olímpico e o Herói de Cada Dia**. São Paulo: Mercury
- ELIADE, Mircea (1978). **O Mito do Eterno Retorno**. Lisboa: Edições 70
- ELIADE, Mircea (2004). **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva
- ELIADE, Mircea (2011). **História das Crenças e das Ideias Religiosas**. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. II
- FERNÁNDEZ, Eduardo (2004). La Dimensión Épica del Deporte. **Revista de Ciencia de la Actividad Física y del Deporte**. Murcia-Espanha: Universidad Católica San Antonio, v. 1, nº 1, pp. 38-40
- FERRY, Luc (2010). **Aprender a Viver: filosofia para os novos tempos**. Rio de Janeiro: Objetiva

FRANCO, Joaquim (2013). A Celebração Planetária. **Olímpico: Os Jogos num Percurso de Valores e Significados**. Porto: Edições Afrontamento, pp. 99-105

GARCIA, Rui e CUNHA, Camilo (aceite para publicação). **Jogos Olímpicos sob o signo da Utopia**. Lisboa: Comité Olímpico de Portugal

GRATTON, Chris; PREUSS, Holger (2008). Maximizing olympic impacts by building up legacies. **The International Journal of the History of Sport**, v.25, pp. 1922-1938

GRIMAL, Pierre (1994). **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Lisboa: Difel

HESÍODO (2005). **Teogonia**. Tradução de Ana Elias Pinheiro e de José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

HOMERO (2005) **Ilíada**. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia

MARILLIER, Bernard (2000). **Jogos Olímpicos**. Lisboa: Hugin Editores

MAZO, Janice; ROLIM, Luis Henrique; DACOSTA, Lamartine (2008). Em Busca de uma Definição de Legado na Perspectiva de Megaeventos Olímpicos. In Rodrigues, R.P., Pinto, L.M.M., DaCosta, L.P. **Legados de Megaeventos Desportivos**. Brasília: Ministério do Desporto, pp. 117-120

ORTIZ-OSÉS, Andrés (1989). **Antropologia Hermenêutica**. Lisboa: Escher

PASCOAES, Teixeira (1993). **O Homem Universal e outros escritos**. Lisboa: Assírio & Alvim

PAUSÂNIAS (2000). **Descripción de Grecia: Ática y Élide**. Tradução: Camino Azcona García. Madrid: Alianza Editorial

PEREIRA, Maria Helena da Rocha (1982). **Hélade – Antologia da Cultura Grega**. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 4ª ed.

PÍNDARO (1990). VIIª Ode Olímpica. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. In, **Helade: Antologia da Cultura Grega**. Coimbra: Gráfica de Coimbra

PINTO, Paulo Mendes (2013). O Lugar: Olímpia, O Santuário-Estádio. In Pinto, P. M. (coord.). **Olímpico: Os Jogos num Percorso de Valores e Significados**. Porto: Edições Afrontamento, pp. 15-22

POYTER, Gavin (2008). Regeneração Urbana e Legado Olímpico de Londres 2012. In Rodrigues, R.P., Pinto, L.M.M., DaCosta, L.P. **Legados de Megaeventos Desportivos**. Brasília: Ministério do Desporto, pp. 121-151

PREUSS, Holger; GUTEMBERG, Johannes (2008). Impactos Económicos de Megaeventos: Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos. In Rodrigues, R.P., Pinto, L.M.M., DaCosta, L.P. **Legados de Megaeventos Desportivos**. Brasília: Ministério do Desporto, pp. 79-90

RIBEIRO, Fernando Telles (2008). Legado de Megaeventos Desportivos Sustentáveis: A Importância das Instalações Desportivas. In Rodrigues, R.P., Pinto, L.M.M., DaCosta, L.P. **Legados de Megaeventos Desportivos**. Brasília: Ministério do Desporto, pp. 121-151

SALIS, Viktor (2007). **Um Ensaio sobre o Belo, o Nobre e o Justo, na Visão dos Antigos: segundo A República de Platão**. São Paulo: Universidade Falada

SALIS, Viktor (2010). **Paidéia: Para Formar um Homem “Obra de Arte, Ético e Criador” no Séc. XXI**. São Paulo: Edição do autor

SCHURE, Edouard (1996). **Pythagoras and the Delphic Mysteries**. London: Health Research Books

SILVA, Maria Fátima (2000). Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga. Um Certame de Ideal e de Glória. In Oliveira, F. (2000). **O Espírito Olímpico no novo milénio**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 57-73

SOBRAL, Francisco (2000). Olimpismo e a exaltação da individualidade. In Oliveira, F. **O Espírito Olímpico no novo milénio**; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 205-212

URBANO, Carlota Maria (2000). O Canto do Martírio: Espírito Agónico no Humanismo; In Oliveira, F. **O Espírito Olímpico no novo milénio**; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 183-195

VERNANT, Jean-Pierre (2006). **Mito e Religião na Antiga Grécia**. São Paulo: Martins Fontes Editora

Ficha Técnica

Autores

Alberto Monteiro

Escola Superior de Educação Física,
Fisioterapia e Dança – Universidade Federal
do Rio Grande do Sul

Rui Proença Garcia

Faculdade de Desporto
da Universidade do Porto

Coordenação e Revisão

Rita Nunes

Design e produção gráfica

Estrelas de Papel Lda. – Lisboa

Tiragem

1000 exs.

ISBN: 972-98307

Depósito Legal: 386860/15

Fevereiro 2016

TÍTULOS ANTERIORES

1. A sustentabilidade competitiva do desporto português
2. O desporto e o constrangimento demográfico
3. Programa de preparação Olímpica
4. Desporto, crescimento económico e emprego
5. A Igualdade de género no desporto
6. O desporto na descolonização Portuguesa



Patrocinadores:

REN

desde 1941
abreu

SAMSUNG



DB SCHENKER

JOMA®

Salsa